

Literatura de Cordel

O Perito Criminal e a Peleja das Carteiradas

Autor: José Alysson D. M. Medeiros



1^a Edição Direitos autorais reservados

Às vezes, os amigos me perguntam como surgem as estórias dos meus cordéis. Algumas são inspiradas em relances de situações do dia a dia. Esta aqui surgiu quando estava conversando com um senhor, durante a atividade física, e uma amiga me perguntou se ali se tratava de um “Juiz de Direito”. Bastou isso para eu responder com uma gracinha e pensar em transformar o episódio em um cordel...

Aproveitei, ainda, a vontade de escrever um enredo com reviravoltas (o que os gringos chamam de “*plot twist*”). Assim como ocorre na perícia criminal, na literatura é importante estar atento aos detalhes que podem esclarecer a trama – e que podem aparecer onde menos se espera...

Por fim, veio a vontade de homenagear os colegas aposentados da minha profissão com o protagonista do cordel. Depois de determinados anos de atividade, a gente acaba vendo amigos de longa data se aposentando com mais frequência e acaba se colocando no lugar deles com a pergunta de um milhão: o que irei fazer ao me aposentar?

Apesar de não haver gabarito para essa pergunta, é importante que cada um procure a sua praia – que não necessariamente precisa ter areia e água salgada. Sua “praia” pode ser a montanha, o pé na estrada, uma atividade voluntária ou, simplesmente, “*il dolce far niente*”; afinal, é a fase de retribuição pelos anos de serviço prestados à sociedade e cada um tem o direito de aproveitá-la como bem lhe convier. O importante é não se comparar. Cada um sabe o que é melhor para si.

Gostaria de destacar as espirituosas xilogravuras de Edna e Jefferson Campos que, brilhantemente, emolduraram os versos deste folheto de cordel.

O autor.

O Perito Criminal e a Peleja das Carteiradas

Autor: José Alysson D. M. Medeiros

Num boteco em João Pessoa,
Essa estória aconteceu.

Pertinho do antigo “Déde”¹
O céu se tornava breu,
Por ali restava um grupo
Que muito álcool bebeu...

Havia cinco viventes
Cada qual em sua mesa:
Um no estágio do ébrio,
Que lhe confere leveza,
E os quatro demais “melados”,
Bem na fase da brabeza.

Até que veio o garçom,
Já depois da saideira,
Para avisar sobre o fim
Da noite de bebedeira...
Até que um “bêbo” agitado
Decidiu falar besteira:

¹ Sigla do antigo Departamento de Educação e Desportos (DEDE), atual Vila Olímpica Parahyba, no Bairro dos Estados, em João Pessoa.

*– O bar, aqui, ninguém fecha!
Deixo aqui o meu recado...
Pois eu quero beber mais
Neste dia feriado!
Quem é você pra barrar?
Aqui fala o Delegado!!!*

E da mesa mais distante,
Ouviu-se outro clamor:
*– Quem você acha que é,
Pra gritar com este senhor?
É melhor ficar na sua...
Aqui fala o Defensor!!!*

E lá da mesa no canto,
Com uma voz de locutor:
*– Eu apoio o Delegado...
Baixe a bola, Defensor!
Garçom, mais uma cerveja...
Aqui fala o Promotor!!!*

E o “bêbo” da quarta mesa,
Levantando o seu nariz,
Foi dizendo: – *Que bonito...
Caras-de-pau sem verniz!
Tenham vergonha na cara...
Aqui quem fala é o Juiz!!!*

E o pobre do garçom,
Sem saber o que fazer,
Não sabia se ficava,
Ou se devia correr...
Quando ouviu uma gargalhada
E o quinto veio a dizer:

– *Seu garçom, fique tranquilo,
Pois não há o que temer!
Esses quatro sem-vergonhas
Se excederam no beber.
Eu vou mostrar o que são,
Não o que tentaram ser...*

*O que se diz Delegado,
Delega em sua profissão,
Mas não em delegacia,
E sim na delegação...
Lá de Quixeramobim,
Da equipe de natação!*

*O que se diz Defensor,
De fato, defende bem...
Defende embaixo da trave,
Não leva gol de ninguém!
Esse aí é o goleiro
Lá do Sport de Xerém!*

*O que se diz Promotor,
De fato, está a promover...
Um evento lá no DEDE,
Pra na mídia aparecer:
É um promotor de eventos...
Foi fácil de perceber!*

*Já o que se diz Juiz,
Errado ele não tá, não...
Só quando ele apita contra
Meu time do coração...
É juiz de futebol:
Apita em campo e salão!*

E o silêncio pairou
Com aquela revelação...
O garçom, indignado,
Com o grupo canastrão,
Falou que iria chamar
A polícia de plantão.

Mas antes que ele chamassee,
Aquele que desvendou,
Fez um pedido discreto
Para o garçom, que aceitou
Lhe trazer uma saideira
E em seguida, explicou:

*– Senhor Garçom, obrigado,
Por tamanha tolerância!
Agora vou explicar
A quem está na ignorância,
Como foi que desvendei
Os atores da arrogância...*

*O delegado do grupo,
Na mochila entreaberta,
Mostra a camisa da equipe,
Então a aposta foi certa.
E como foi que eu notei?
Me bastou estar alerta!*

*Veja agora o defensor:
Tem camisa cor de uva,
Além de manga comprida,
Em dia que não tem chuva
E, para “fechar o firo”²,
Do bolso lhe escorre a luva!*

*Já o promotor de eventos
Tem uma pasta na mesa,
Com folders bem coloridos
Alinhados com destreza...
Do Blazer, pula um crachá,
Com isso tive a certeza!*

² Antiga expressão utilizada na Paraíba que significava o ato de concluir uma boa jogada no jogo chamado “Firo”.



Xilogravura: Jefferson Campos

*O juiz, então, foi fácil:
Linguajar não erudito
E, em volta do pescoço,
Lhe cai o cordão do apito.
E eu encerro a minha fala...
Aqui quem fala é o Perito!*

*– Um Perito Criminal!!!
Disse o garçom, animado.
– Já resolvi muito caso,
Pois entendo do riscado!
Mas o tempo passa rápido
E hoje estou aposentado...*

*Minha perícia ora envolve
Quatro coisas a estimar:
Desempenar camarão;
Pôr cerveja pra gelar;
Curtir a minha família;
E morar perto do mar...*

*E, para finalizar,
Vou revelar uma história:
Eu vi os cabras no DEDE
Na fase eliminatória...
Tal qual um velho elefante,
Eu tenho boa memória!!!* ☺

Fim

*Texto finalizado em setembro de 2025 e publicado em
24 de janeiro de 2026, Dia Nacional do Aposentado.*

José Alysson D. M. Medeiros, natural de João Pessoa/PB, é Engenheiro Civil e Perito Criminal Federal, atuando na capital paraibana. É o autor da coletânea “*Perícia em Versos*” da Millennium Editora.

Maria Edna da Silva (Edna) é artesã e xilogravurista pernambucana, nascida e residente em Bezerros. Desenvolve suas atividades no *Memorial J. Borges*, continuando o legado do mestre juntamente com outros artistas da família.

Jefferson de Lima Campos é paulistano, radicado no Rio Grande do Norte, apaixonado por Cultura Popular, especialmente Literatura de Cordel. Aos 35 anos começou a produzir xilogravuras, encantando o público com suas obras cheias de vida e movimento.

APOIO:



Associação Nacional dos Peritos Criminais Federais